

Globalização agrava

31 MAI 2001

violações, diz Anistia

JORNAL DO BRASIL

LONDRES – A globalização é em parte responsável pelo agravamento das violações dos direitos humanos mundo afora, concluiu a Anistia Internacional em seu relatório anual, divulgado ontem. Segundo a organização, que completou 40 anos na segunda-feira, a globalização trouxe expansão econômica, mas, junto com ela, um aumento da pobreza e das desigualdades sociais, fatores que não deveriam ser usados como desculpa para violações dos direitos humanos pelos governos.

“Muitos países afirmam que têm sido obrigados a adotar uma política econômica que vai de encontro aos direitos sociais, econômicos e culturais. Mas esta afirmação é falsa, pois os governos têm poder para defender seus cidadãos frente às ações arbitrárias de empresas multinacionais ou à pressão de instituições econômicas inter-governamentais”, afirma o documento. “Constatamos que governos eximem-se de suas responsabilidades em nome de forças de fora de seus países”, declarou o presidente da AI, Colm O’Cuanachain.

Segundo o secretário-geral da Anistia, Pierre Sané, a globalização transformou os problemas de corrupção e insegurança social e política em uma bola de neve. “A previsível e quase inevitável consequência do aumento da pobreza tem sido uma escalada concomitante das violações de todos os direitos humanos”, declarou Sané. “Os governos poderiam e deveriam trabalhar para evitar essas condições. Eles podem assegurar que os trabalhadores sejam protegidos das piores formas de exploração. Podem deter a corrupção oficial. E podem parar de atacar os defensores dos direitos humanos”, acrescentou.

América Latina – Membros da organização atualizaram os dados referentes a violações em 149

países, e nenhum continente ficou livre de acusações. Na América Latina receberam destaque as ações militares, paramilitares e da guerrilha na Colômbia, a repressão de camponeses no Brasil, Bolívia e Paraguai, a tortura e os maus tratos de presos em quase todos os países do continente e a perseguição aos opositores do governo cubano.

Pelo menos 20 pessoas haviam sido condenadas à morte em Cuba até o ano passado. Há muita dificuldade em observar a aplicação da punição no país, já que são raras as vezes em que as execuções se tornam públicas. Além disso, a Anistia tem recebido denúncias de várias prisões por motivos políticos, mas não pode checá-las por não receber autorização de visitas ao país desde 1988.

No Peru, foram registrados casos de maus tratos e tortura. Jornalistas e defensores dos direitos humanos sofreram ameaças e intimidações durante o regime do ex-presidente Alberto Fujimori. No Chile, a Anistia Internacional registrou avanços nas investigações sobre violações dos direitos humanos durante a ditadura militar de 1973-90. Até o ano passado haviam sido apresentadas 202 acusações contra o ex-ditador Augusto Pinochet.

EUA – Nos Estados Unidos, os casos registrados foram na sua maioria relacionados a brutalidade policial, racismo e pena de morte. No ano passado, 85 condenados foram executados no país. “A raça foi um fator determinante em muitas questões. Um número desproporcional de vítimas de violações pertencia a minorias raciais”, destacou o relatório.

Na Ásia e na Oceania, as perseguições étnicas e religiosas receberam destaque entre os casos de violação dos direitos humanos. Na China, pelo menos 93 seguidores da seita Falun Gong morreram na prisão.